

AS CARACTERÍSTICAS JUDAICAS DO CRISTIANISMO ETÍOPE *

*Merid W. Aregay ***

O cristianismo da Igreja Etíope é muitas vezes descrito como cristianismo judaico, não tanto pela doutrina que defende, mas tendo em conta algumas práticas dos seus seguidores. Durante o longo relacionamento que tem mantido com o cristianismo ocidental em geral, e a Igreja Católica em particular, sempre foi censurada à Igreja Etíope a defesa da circuncisão, a proibição do consumo da carne de porco, ou de qualquer outra tida por impura, bem como a observância do *sabbat*. Embora sejam estes os principais elementos que evidenciam o cariz judaico da Igreja Etíope, outros aspectos há, relacionados com o culto, que reiteram a mesma vertente. Sendo o mais importante destes sinais o lugar central e função destinada ao *tabot*, geralmente identificado com o altar, podem-se enumerar outros, de menor importância, como a abstinência sexual na noite que precede a visita ao templo, o descalçar dos sapatos antes de aí entrar e a função dos tambores e outros instrumentos musicais no decurso de um exuberante serviço religioso.

Até ao século XVI pouco se conhecia na Europa acerca da Igreja Etíope. Até então, o único ponto de contacto entre Europeus e Etíopes era a cidade de Jerusalém, onde por vezes se cruzavam peregrinos das duas áreas. A língua nunca constituiu obstáculo ao entendimento claro, por ambas as partes, das diferenças que separavam os seus credos e as suas práticas. Pelo contrário, o facto de pessoas pertencentes à mesma religião, vindas de lugares tão distantes, se reunirem no seu berço espiritual, contribuiu para que se minimizassem as diferenças respectivas.

Quando, todavia, o contacto entre a Europa e a Etiópia conheceu maior incremento, resultante da presença portuguesa nas costas do Índico, a atitude do clero católico perante os cristãos etíopes sofreu uma mudança.

Por um lado, as inovações económicas e tecnológicas que permitiram à Europa a descoberta de outras partes do Mundo transformaram os seus

* Tradução da responsabilidade da redacção.

** Professora do Departamento de História da Universidade de Addis-Abeba (Etiópia).

cidadãos numa raça confiante em si mesma. À medida que esta confiança se ia cimentando através de vitórias militares na Ásia, na África e na América, facilmente deu lugar à intolerância e ao desprezo. A Europa tinha efectivamente descoberto o caminho para outros continentes sem o conhecimento da história e da cultura dos seus habitantes. Nesta conformidade, sempre que à ignorância sobre o povo e a sua cultura se vinha juntar a intolerância e a belicosidade, o resultado era desastroso para ambas as partes. A tudo isto se junta que, se à Companhia de Jesus era cometida a tarefa de promover o acolhimento, no seio da Igreja Romana dos cristãos etíopes, cabia-lhe igualmente lutar contra as heresias da Igreja Protestante. E o zelo com que se tentou erradicar aquilo que era considerado heresia não pode deixar de antagonizar um povo em absoluto dependente, e o rei português que armara a expedição de Cristóvão da Gama. Foi, pois, a intolerância e a ignorância, ambas características da nova Europa, que impediram o entendimento do cristianismo e levaram à rejeição da propensão fraterna dos Etíopes.

Embora peregrinos dos dois países devam ter cruzado rotas na Terra Santa, ainda sob o domínio muçulmano, os primeiros contactos entre Portugal e a Etiópia não tiveram aí lugar. O genuíno interesse que os Portugueses nutriram pelo povo e pelas terras do Preste João só se desenvolveu a partir da morte do infante D. Henrique, a partir do momento em que os seus navegadores conseguiram penetrar para além das até então desconhecidas regiões da África. À medida que avançava a exploração da costa africana e se enraizava a esperança de atingir as Índias do Preste João, que se presumiam ricas em seda e especiarias, assim crescia o interesse pela Etiópia. Para os Portugueses, a Etiópia tinha-se transformado no posto avançado para as Índias do Preste João.

Mesmo depois de Vasco da Gama ter descoberto que a Etiópia não tinha relações com o mercado indiano da seda e das especiarias, ela continuou a ser considerada como o Império do Preste João. Com Afonso de Albuquerque, esta interpretação veio assumir o carácter de um sentimento de confiança na vitória sobre os Árabes e os Turcos. Nenhum homem contemporâneo poderá compreender a profunda emoção que Albuquerque e os seus homens terão experimentado ao descobrir que, não obstante o modo de ser dos Etíopes, também eles acreditavam na Cruz. A Albuquerque apenas faltou que cintilasse a Palavra revelada a Constantino, o Grande. (Carta de Albuquerque a El-rei D. Manuel, em 4 de Dezembro de 1513.)

Na altura em que Albuquerque se aprestava para, com a ajuda etíope, esmagar os ávidos rivais de Portugal no comércio com a Índia, o seu país não se encontrava em reais dificuldades. Embora Portugal não contasse ainda com nenhuma sólida praça nem na África Oriental nem na Índia, as suas velozes embarcações, tripuladas por homens destemidos, não haviam ainda sofrido nenhuma importante derrota naval. Do lado oposto, todavia, os governantes etíopes não demonstravam a mesma tranquilidade, quando os mensageiros de Albuquerque lhe vieram propor aliança contra o mundo islâmico. Até ao final do

século xv o cristianismo etíope e o islão tinham coexistido num ambiente de tolerância e respeito mútuo. A tolerância evidenciada pelos cristãos foi tornada possível por intermédio de repetidas e decisivas vitórias, tanto no campo económico como no territorial, sobre as investidas muçulmanas. Os cristãos das terras altas da Etiópia não tinham especial interesse nas escaldantes povoações muçulmanas das terras baixas, e, em consequência, era sua intenção deixá-los viver em paz, desde que não demandassem os planaltos. Durante as últimas décadas do século xv, todavia, algo se desenrolava ao longo das áreas costeiras do Corno de África que vinha sobressaltando os cristãos das terras altas. Não dispomos ainda de elementos que permitam destacar quais as razões precisas que levaram, mesmo os mais nómadas, a deixar a costa e instalar-se nas áreas ocupadas pelos sedentários. O mais provável é que migrações prolongadas estejam na base do golpe vibrado na política de coexistência pacífica pelos Afar, Somalis e outros povos nómadas, há tanto tempo firmada graças à acção dos governantes cristãos e muçulmanos. Embora fossem os muçulmanos sedentários de Harare, Hadal e Aussa as vítimas directas desta inflexão, foram obviamente os cristãos que se sentiram ameaçados, neste estado primário dos grandes movimentos populacionais da Etiópia do século xvi.

É nesta conjuntura que podemos enquadrar a reacção de Eleni, a imperatriz regente, à proposta de Albuquerque. Para ela e para os seus súbditos cristãos a aliança entre a Etiópia e Portugal representaria uma derradeira campanha contra os muçulmanos e os pagãos, pois era sua convicção que o século xvi seria o arauto do milénio da promessa.

«É chegado o tempo em que, como se tem dito, e foi previsto por Cristo e Maria, sua Mãe, quando descreveram os dias vindouros, haverá de chegar um rei das terras dos europeus, que exterminará toda a raça dos bárbaros. E em verdade é agora chegado o tempo, como prometeu Cristo e a sua Mãe bendita.» (Damião de Góis, p. 134.)

Mateus, emissário de Eleni a Goa e a Lisboa, regressou em 1520 acompanhado por uma impressionante embaixada do rei português. À sua chegada a Maçuá, os portugueses foram recebidos por altos oficiais do imperador e por monges do famoso mosteiro de Dabra Bizan. Álvares, o mais honesto e menos fanático entre os portugueses e católicos que alguma vez desembarcaram em terra etíope, descreve esse encontro inicial. O que ele e os restantes portugueses conheciam sobre os monges em pouco diferia do que nas profecias de S. João era dito acerca do demónio. (Rev 20.)

«... Eles disseram que há muito que aguardavam os cristãos, pois estava escrito nas profecias dos seus livros, que haviam de chegar cristãos a este porto; ali seria aberta uma clareira, e quando ela estivesse aberta, os Mouros haviam de desaparecer...» (Álvares, I, 57.)

A vitória de Lebna Dengel (r. 1508-1540) sobre as hordas Afar e Mafuz em 1517 haveria de fazer que se desvanecesse a sensação de alarme que motivara a reacção de Eleni. Não obstante, a missão portuguesa foi recebida por todos com antecipado contentamento. O então patriarca da Igreja Etíope, Abuna Marcos, voltou a evocar a profecia segundo a qual a aliança entre cristãos etíopes e europeus representaria o fim do islão (Álvares, II, 358). O próprio Lebna Dengel estava tão seguro desse facto que se apressou a apresentar propostas mais realistas. No seu entender dever-se-ia confiar aos portugueses a fortificação e a guarnição de Maçuá, bem como das ilhas Dahlak e Zaila, com o fim de deter o avanço turco e egípcio (Álvares, II, 498-500).

Para Lebna Dengel e os seus oficiais, porém, a chegada da missão portuguesa de 1520 preludiva o estabelecimento de laços mais duradouros. O imperador, tal como o bispo, estavam conscientes das diferenças doutrinárias que separavam as duas Igrejas. Estas diferenças, todavia, não eram, quanto a eles, relevantes, posto que a chegada dos portugueses viria acabar com o isolamento da Etiópia cristã. Álvares parece não se ter dado conta do grau de interesse que o bispo atribuía à continuidade das relações com a Europa católica, ao descrever o desejo de Marcos em ver a Etiópia governada por um imperador de fé romana (Álvares, II, 358). O bispo não repudiara a sua origem e fé oriundas em Alexandria. O que ele teria provavelmente em vista era o facto de que uma Igreja Etíope intimamente relacionada com a Igreja Católica se tornaria mais fortalecida do que até então. A Igreja de Alexandria era, por assim dizer, uma Igreja em cativeiro, não se encontrando em posição de manter um relacionamento com a sua jovem afilhada etíope. Parece ter sido esta ideia que o bispo tentara transmitir a Álvares.

A correspondência de Lebna Dengel com D. Manuel e com o seu sucessor, D. João II, tal como com o Papa, era preparada pelos clérigos etíopes, assistidos por Álvares. Nenhum segredo rodeava a sua redacção. Nem o imperador nem o bispo seriam portanto levados a estabelecer relações com Portugal ou com o Papado, que pudessem cair na desaprovação do clero eclesiástico ou dos ministros da corte, embora Lebna Dengel e os seus oficiais tencionassem estreitar relações, quer com o Papa, quer com os Portugueses. O grau de isolamento a que os imperadores etíopes cristãos se sentiam votados poderá avaliar-se através desta carta de Lebna Dengel ao rei D. João.

«... Se tivesse por vizinho um Rei Cristão nunca o deixaria só, nem por uma hora ... Senhor Rei e Irmão manda-me os teus emissários e nunca deixes de me escrever, pois, ao ler as tuas cartas, é como se olhasse o teu rosto...» (Álvares, II, 504.)

Eleni, mais idosa e demonstrando maior sentido prático do que Lebna Dengel, chegou mesmo a intentar uma série de matrimónios com os governantes portugueses, no intuito de cimentar as relações mútuas.

Lebna Dengel mantinha longas conversações com Álvares e com o embaixador. Através deles e dos outros europeus que recebera na sua corte, foi

tomando contacto com as inovações tecnológicas europeias. Também neste domínio ele tencionava tirar proveito do futuro relacionamento com Portugal.

Poder-se-á pensar que, no princípio do século XVI, a Igreja Etíope era uma instituição esgotada. Ao longo de séculos havia lutado contra o paganismo e o islão e, não tendo sido capaz de vencer a sua resistência, viu-se forçada a comprometer-se com eles. Enquanto durou o processo de sincretismo, muito do que foi tolerado ou adoptado não agradava aos bispos de Alexandria. Acresce ainda que a Igreja Etíope terá retirado de Alexandria todo o conteúdo de ensinamento que ela encerrava, uma vez que poucos eram os escritos ou as ideias onde podia ir buscar inspiração. Sendo assim, do mesmo modo que as instituições militares e administrativas se fortaleceriam com as noções da tecnologia europeia, também a Igreja se consolidaria através do contacto com a Igreja Católica. Seria isto que Abuna Marcos teria em mente ao confiar a Álvares a sua esperança em que «por intermédio da vossa chegada (da missão portuguesa) e da de outros, depois de vós, esta nação poderá retomar a verdade (do Evangelho)» (Álvares, II, 358).

Foi por este motivo também que Lebna Dengel se decidiu a enviar o seu preito de obediência ao Papa, através de Álvares (Álvares, II, 507). Nas suas cartas ao Papa ele explicava que, tal como o leão na selva impenetrável, se encontrava rodeado de muçulmanos e outros povos, todos inimigos da fé cristã. O que ele necessitava, porém, não eram tanto soldados, mas pregadores e da obtenção do favor papal.

«Peço-vos mais uma vez, com grande suplicação, que me mandeis homens entendidos nas Sagradas Escrituras, e também artesãos que sejam capazes de esculpir imagens, fabricar espadas e armas de todo género...» (Damião de Góis, pp.152-155.)

No ambiente eufórico que se manteve ao longo dos seis anos em que a missão permaneceu na Etiópia, nem Álvares nem os outros portugueses se sentiram molestados pela disparidade de práticas religiosas. Muitos portugueses tinham casado com mulheres etíopes e não manifestavam qualquer desejo de regressar aos seus lares em Goa. Álvares terá tomado conhecimento da poligamia, da facilidade com que os divórcios eram decretados, e até do levirato (já em fase de declínio), sem que, por essa razão, reputasse o povo menos cristão (Álvares, I, 107-108). Numa das suas reuniões com o bispo foi levantada a questão da circuncisão. O resultado final, contudo, foi que Álvares se tornou ainda mais amigo do bispo e do seu secretário egípcio (Álvares, II, 349).

Ao constatar que os portugueses subestimavam as diferenças práticas e doutrinárias, el-rei D. João II decidiu-se a apoiar Lebna Dengel na sua luta contra os muçulmanos das terras baixas. Mais de quatrocentos portugueses, todos jovens e com a vida pela frente se alistaram como voluntários para ir combater os exércitos de Ahmad Gran, na convicção de que o faziam em defesa do cristianismo. E foi esta convicção que os tornou capazes de vencer intransponíveis contrariedades. Praticamente todos os sobreviventes da expedição de

1541-1543, à exceção de poucos, como Miguel Castanhoso, gravemente ferido, decidiram ficar na Etiópia, prosseguindo o seu ideal de fé, uma vez que, mau-grado a derrota e a morte de Ahmad Gran, as incursões muçulmanas não deixaram de se suceder.

Galaudevo, filho e sucessor de Lebna Dengel, estava profundamente reconhecido pelo apoio prestado por Portugal. Os sobreviventes da expedição encontraram nele não apenas um generoso comandante como um imperador que tinha em grande apreço os seus conselhos e experiência. Muitos dos portugueses sentiam-se melhor na Etiópia do que em Portugal ou na Índia, e não lhes ocorria, por isso, levantar, com o imperador ou os sacerdotes, a questão da circuncisão ou da observância do *sabbat*. Bermudes, um antigo barbeiro tentou, apoiando-se nos portugueses, levar o imperador a converter-se ao catolicismo. Embora os portugueses não lhe dessem importância, tudo leva a crer que as suas denúncias acerca do relacionamento com mulheres etíopes motivou a requisição de sacerdotes. Não é conhecido o alcance nem a evolução do mal-entendido, porém, o rei de Portugal, presumindo que Galaudevo tencionava converter-se, enviou-lhe prelados da Companhia de Jesus.

Quando em 1557 chegou à Etiópia a delegação do bispo André de Oviedo, o país encontrava-se em sobressalto. Os muçulmanos das terras baixas tinham redobrado esforços no sentido de ocupar as terras altas. Os Turcos, após terem desembarcado em Maquê, invadiram o Norte da Etiópia, enquanto os Oromos tiravam partido destas movimentações para se escapar para os planaltos desprotegidos do centro do país. Enquanto Galaudevo e os portugueses tentavam desesperadamente defender-se, Oviedo, ignorando estas dificuldades, procurava criar uma ruptura no seu seio, apoiando-se no que apelidava ser as heresias judaicas da Igreja Etíope (Almeida, in *Beccari*, V, 383).

As questões fundamentais que se punham ao catolicismo e à Igreja Etíope eram a correlação entre a natureza simultaneamente divina e humana de Cristo e o reconhecimento da supremacia papal. A Oviedo, no entanto, o que mais repugnava era a circuncisão e observância do sábado. Um documento que chegou até nós sob o título «As confissões de Fé de Galaudevo» foi elaborado como resposta às prováveis acusações feitas por Bermudes, sobre a prática de rituais judaicos, abolidos por Cristo e os seus Apóstolos. Este documento é tanto mais importante quanto é certo que, embora o seu conteúdo fosse bem conhecido, a argumentação nele contida foi ignorada, quer por Oviedo, quer pelos jesuítas que o seguiram na viagem à Etiópia, quer ainda pela quase totalidade dos missionários europeus. As relações entre as Igrejas Etíope e da Europa não se teriam deteriorado se a discussão se tivesse restringido às questões fundamentais.

Se com Galaudevo foi possível manter um nível civilizado de argumentação, com o seu irmão e sucessor degenerou-se em violentos insultos.

«... Um dia, depois de haverem discutido acerca da circuncisão, que o bispo condenava com muita autoridade, o imperador ficou tão ofendido que, no dia seguinte,

enquanto se dirigiam para o campo, voltou-se para o bispo, que seguia a curta distância e disse-lhe: "Sabes, bispo, porque sou circuncidado? Por limpeza!" Ao que o bispo replicou: "Pois com essa limpeza, ainda irás parar ao Inferno"- (Diogo de Couto, Déc. VII, liv. VII, cap. XII, p. 159.)

Tais eram os argumentos que serviam de base, perante o fracasso da tentativa de invasão da Etiópia pelos portugueses, a Oviedo para reunir os comandantes que conspiravam em colaboração com os invasores turcos. Àquela troca de insultos sucederam-se outras questões entre Dióscoro e o papa Leão I.

O principal relevo de «As confissões» de Galaudevo foi o de demonstrar que as práticas que Oviedo considerava reminiscências do Antigo Testamento o não eram na realidade. O imperador interpunha que a circuncisão e abstinência à carne de porco não eram práticas de índole religiosa, mas meros costumes. A afirmação era, com efeito, correcta. Estes costumes faziam parte das tradições que as populações do Corno de África, cristãs, pagãs ou muçulmanas, partilhavam com as da África do Norte e do Médio Oriente. Tal fenómeno foi de algum modo salientado por Heródoto muito antes do surgimento do cristianismo. A circuncisão praticava-se na Etiópia tanto em homens como em mulheres, e nunca teve qualquer relação com a religião. Entre os pastores e os nómadas muçulmanos das terras baixas de leste, a circuncisão feminina consistia na infibulação pura e simples, prática adoptada noutros tempos pelos cristãos das terras altas.

A problemática da circuncisão e da abstinência em relação à carne de animais impuros eram pontos fundamentais na história dos primeiros tempos da Igreja Cristã, responsáveis, a par de outras questões, pelo primeiro cisma da Igreja nascente. Mas o cristianismo judaico, de aparecimento recente e existência circunscrita, não pode ter tido influência sobre o cristianismo etíope que se desenvolveu a partir do meio século IV. O cristianismo judaico não parece ter tido até qualquer influência directa sobre a Igreja de Alexandria, da qual deriva o cristianismo etíope (J. Danielou, p. 52). Qualquer influência directa do cristianismo judaico, incluindo as suas manifestações tardias, sobre a Igreja Etíope, se é que se registou, poderá ser descurada.

Eis porque toda a questão se resumirá na destriça entre os elementos aparentemente judaicos, resultantes do sincretismo na Etiópia, e os importados de Alexandria. Quer a circuncisão, quer o evitar do consumo de carne de porco, são claramente de origem local. O hábito de dissuadir as pessoas que tivessem tido relações sexuais pouco antes de ir à igreja pode ser de remota origem pagã ou egípcia. Heródoto tê-lo-á por certo constatado entre os antigos egípcios. O mesmo se diga do hábito de descalçar os sapatos antes de entrar no templo.

A celebração do sábado como festa religiosa não constituía uma antiga prática do cristianismo etíope. A controvérsia que suscitou iniciou-se quase no final do século XIV, sendo o seu cumprimento advogado por uma minoria do clero. Embora no parecer de Doresse a observância do *sabbat* se devesse a influência copta, o bispo Bartolomeu opôs-se à sua introdução (J. Doresse, II,

115; e Taddesse Tamrat, p. 209). A observância do sábado tinha sido institucionalizada em 1450 no intuito de pacificar os turbulentos seguidores desses clérigos.

Tal prática não era devida, mais uma vez, a origem judaica e não seria, sequer, de influência alexandrina. Poderá ter-se divulgado na Etiópia como resultado do exacerbado ascetismo dos monges etíopes. Este ascetismo, que sempre se apresentou característico da vida monástica na Etiópia, derivou, não de recentes, mas de recuados modelos egípcios. A vida dos primeiros padres do deserto sempre inspirou os eremitas etíopes, que, mais do que o clero ordinário, são responsáveis pelo modo de pensar e pelas práticas dos cristãos piedosos.

A posição oficial da Igreja Etíope tem sido a de desaconselhar a observância do sábado, tal como os judeus o faziam relativamente ao *sabbat* (Gorgorius, p.127). Os eremitas, porém, sempre se esforçaram por incentivar o cumprimento estrito das directivas do Antigo Testamento no tocante ao *sabbat*. Foram estes eremitas, de resto, quem procurou atribuir o alcance de pecados capitais ao consumo de café e de tabaco, bem como promover a estreita observância das regras do jejum, erroneamente atribuídas em tempos a origem judaica. Entre os Falaxas, o *sabbat* personalizou-se, tornando-se o seu culto de crucial importância. É bem possível que os eremitas cristãos se tenham inspirado neste culto, e não nas regras do Antigo Testamento. Sobre este aspecto, poderá ter alguma relevância o facto de a própria religião falaxa não ter sido directamente influenciada pelo judaísmo de Israel (Ullendorff).

Muito tem sido dito acerca da utilização de instrumentos musicais, bem como do canto e da dança, como complemento do serviço religioso, tentando vários autores ver neles claras imitações das danças dos Judeus em redor da Arca da Aliança. Isto é, no entanto, muito duvidoso. Se o sistro era de origem egípcia e à exuberância do serviço religioso pode ser atribuída idêntica proveniência, os cantos e danças, acompanhados de tambores e instrumentos de percussão, são comuns a muitas religiões. O próprio lugar central reservado ao *tabot* pode não ser uma réplica do lugar que ocupava a Arca da Aliança nos templos de Jerusalém. Com efeito, a lenda que refere o roubo da Arca da Aliança pelo filho da rainha do Sabá só conheceu divulgação a partir do final do século XII, altura em que todos estes elementos, considerados de influência judaica, se tinham já consolidado nas práticas do cristianismo etíope.

A reivindicação, a partir de 1270, da descendência salomónica dos reis etíopes não redundaria na adopção de qualquer tradição do Antigo Testamento. Os clérigos, contudo, haveriam de imitar os imperadores, ao reclamarem a sua proveniência levita. Foi provavelmente esta circunstância que levou os menos esclarecidos a classificar as práticas referidas como de origem judaica.

À semelhança de Oviedo, Paes estava convicto de que a circuncisão, a celebração do sábado e a abstinência quanto à carne de porco eram faltas graves. Ao invés de discutir a questão directamente com o clero, utilizou igualmente a autoridade dos imperadores com o fim de o fazer aceitar ao seu próprio ponto de vista. Assim, conseguiu convencer Susénio de que as diversas rebeliões com que

se confrontavam eram motivadas pela deficiente orientação que os clérigos obtinham de Alexandria, chegando mesmo a persuadi-lo de que a introdução do catolicismo criaria sacerdotes leais e disciplinados que ensinariam a obediência em vez da insubordinação. Nesta convicção, Susênio permitiu que Paes e os seus discípulos etíopes perseguissem aqueles que tinham circuncidado os seus filhos, os que se recusavam a trabalhar ao sábado e os que jejuavam à quarta e quinta-feira. As rebeliões descritas por Paes e os jesuítas que o seguiram tiveram causa tanto nestas perseguições como nas proclamações que impunham a crença nas distintas naturezas de Cristo. Os camponeses, cuja oposição culminou com a expulsão dos jesuítas, estavam mais chocados com a interdição de se circuncisarem e do consumo da carne de porco do que com os argumentos abstractos sobre a pessoa da Cristo.

Embora a Igreja Ortodoxa tivesse vindo a ser reestabelecida em 1632, ela jamais retomou as características de abertura e optimismo que Álvares fizera notar. As severas acusações de heresia repetidamente dirigidas contra ela pelos missionários europeus deixaram-na descrente de si mesma. As inúmeras ideias e explanações concebidas para enfrentar os desafios dos jesuítas dividiram profundamente os seus ministros. Tanto os imperadores como os seus súbditos não voltariam a confiar em qualquer europeu. E tudo isto fundado em práticas que pouco tinham que ver com o judaísmo.

APÊNDICE

Articulos da sua fee que ho oreste João mandou a el rej

Em nome do padre, & do filho, & do sprito santo, hũ Deos. Esta é a minha fee, & de meos padres Reis de Israel, & a fe do meo gado, q'esta no corral do meo Reino. Nos cremos em hum deos e em seo filho unico, Jesu x̄po, elle é sua palavra, & ho seu poder. elle é ho seu conselho, elle é a sua sabedoria, ho qual foi cõ elle antes que fosse criado ho mundo: & nos derradeiros dias veo à nos, não se desfazendo da cadeira de seo Reino, e encarnou do spirito santo, & de santa Maria virgem. & foi bautizado no Jordaom aos trintanos: e foi homem perfeito, e foi crucificado sobre à arvore da cruz, nos dias do Pontio Pilato, padece & morreo & foi supultado, & resuscitou no terceiro dia. & depois de 40 dias sobio com gloria ao ceo, esta assentado à dextra de deos padre. & depois viraa com gloria julgar hos vivos & hos mortos, cujo Reino naom pareceraa.

E cremos no spirito santo dõ dador de vida que procede de padre. & cremos em hũ bautismo pera remissão dos pecados. Esperamos à resoreiçao dos mortos pera à vida qvem em Eterno. Amen. Nos caminhamos p̄la carreira del rej, & não nos apartamos à direita nem à esquerda da doutrina de nossos padres hos 12 apóstolos, & de Paulo vaso de sabedoria, & dos setenta & dous discipulos & das trezentas & dezoito columnas que sajuntaraom em Nicea, & dos cento & cinquenta em Costantinopla, & dosentos em Epheso, Asi emtendo & assi emsino eu Claubio, Rej de Etiopia que me chamo Acnaf Sagad, do nome do meo Reino, filho de Vanag Sagad, filho de Nad.

E quanto ao culto de honrarmos ho sabedo naom ho honrramos como hus Judeos, que crucificarão Jesu x̄po, hos quaes disserão, ho sange delle sobre nos & sobre hos nosos filhos. porque hos

Judeos não tiraom agoa, nem acendem ho fogo, nem cozem ho comer, ne amasaom ho paom nem pasaom de hũa casa pã outra. Mas nos somente ho honramos em quanto oferecemos a oferta & fazemos nelle a sinaj como nos ensinarão hos nosos padres na didascalía ou doutrina. Não ja q̄ ho honrremos como ho dia depois do Sabada, ho qual è dia novo que delle diz David este è ho dia qual fez ho senhor, folgemos & sejamos ledos nelle. Porque nelle resucitou nosso sñor Jesu x̄po & nelle deceo ho spirito santo sobre hos apóstolos no templo de Jerusalem, & nelle foi encarnado no ventre de santa Maria virgem em todo tempo. E nelle ainda viraa pera prazer do justos e pera castigo dos pecadores.

E quanto a cerimonia da circuncisaom não nos circuncidamos como hos Judeos porque sabemos a doutrina de Paulo vaso de sabedoria que diz a circuncisaom naom aproveita, senão a nova creatura que cree em nosso sñor Jesu x̄po. E em outra parte diz aos homees de corinto, quem recebeo a circuncisão não receba ho preputio. Todo ho livro da doutrina de Paulo temos que nos ensina quanto a circuncisão & quanto a prepucio. Mas nos a circuncisão queremos, è como ho sinal da face que s'usa em Etiopia & Nubia & como ho furar das orelhas dos homẽs da India. Ista que fazemos não è por goardar as leis dos herejes, antes por ensino & lembrança dos homẽs.

E quanto ao comer porco não ho deixemos de comer por goardar leis herejes, como hos Judeos, a quem ho come não desproezemos nẽ avorrecemos, & a quem não ho come não fazemos forca pera que ho coma. A si como escreve ho nosso padre Paulo à provincia de Roma quando diz que come não despreze à quem não come, porq̄ dẽ recebe la todos. Ho Reino de dẽ não è ho comer & beber, tudo è limpo aos limpos, & mao è ao homem comer com scandalo. & tambem Matheos evengelista diz não pode çujar ho homẽ senão ho que sae da boca, mas ho que entra no ventre se lança fora & alimpa tudo ho q̄ entra no ventre se lança fora & alimpa tudo ho q̄ se come, e em dizendo estas palavras derriba todo ho edeficio dos erros dos Judeos que aprenderão do livre ereje.

Eu tenho à minha fee & à dos sacerdotes letrados que ensinão por meo mandado no corral do meo Reino, & não s'apartarão do caminho do evangelho, & da doutrina de nosso padre Paulo à direita nem la esquerda. No livro das historias que nos temos esta scrito, como Costantino Rej mandou nos dias do seo Reino que todos los Judeos q̄ fossem bautizados comesse carne de porco no dia da resucreição de nosso sñor Jesu x̄po mas fora dequelle dia segundo que parecesse ao coraçom do homem de deixar de comer carne dos animães que quisesse porquãto algũs folgaom co a carne dos pescados & outros com cerne d'aves & à algũs que naom comem carne de gado. E tudo assi como parecesse bem ão coraçom do homem porque disto não à lej nem canone no livro ou testamento novo tudo è limpo aos limpos. E Paulo diz quem cre tudo coma.

Isto nos quis escrever pera saberdes a verdade da minha fee. Escrita no ano de M.&b.&55 do nacimiento de nosso snor Jesu x̄po aos 23 dias do mes de senè na cidade de Damot.

From the Bibliotheca Nacional, Ms. 490.

Fontes citadas

- ALMEIDA, M. de, «Historia Aethiopiae», in C. Beccari, *Rerum Aethiopicorum*, 15 vols., Roma, 1903-1917.
- Álvares, F., *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, 2 vols., ed. C. F. Beckingham and G. B. Huntingford. Londres, 1961.
- GÓIS, Damião de, *Opúsculos Históricos*, Porto, 1945.
- DANIELOU, Jean, *The Theology of Jewish Christianity*, Londres, 1964.
- COUTO, Diogo de, *Décadas da Ásia*, vários volumes, Lisboa, 1778-1787.
- DORESSE, Jean, *L'Empire du Pretre-Jean*, 2 vols., Paris, 1957.
- GORGORIUS, Abba, *A History of the Ethiopian Orthodox Church*, em aramaico. Adid Abeba, 1982.
- TAMRAT, Tadesse, *Church and State in Ethiopia 1270-1527*, Oxford, 1997.
- ULLENDORFF, E., *The Ethiopians*, Oxford, 1965.

Fevereiro de 1984